

ECOS DE CACIA

Semanario bairrista independente, defensor dos interesses da região do Vouga

Director-Administrador e Proprietario

José Marques Damião

Composto e Impresso na TYPOGRAPHIA ESTARREJENSE

Rua do Jornal de Estarreja

Redacção e Administração—QUINTã DO LOUREIRO—CACIA

Editor-Responsavel

Abilio Carvalho

AURAS DA REALIDADE

São breves, muito superficiaes mesmo, as considerações que vou fazer a respeito d'um assunto que de-zejaría publicar e que por ventura de-veria interessar alguns leitores, mas a falta de tempo de que disponho não me permite fazer um trabalho como era para dezejar.

Não sou arrastado por paixões de qual-quer especie, nem mesmo pretendo fazer obra literária; não venho pregar moralidade, mas sim incutir no animo de alguns conterraneos, e, sobretudo, no seio da mocidade, não a maneira debil e corrupta como se porta, mas o caminho que deveria seguir para o seu bem estar e bem assim dos que lhe succederem.

Hoje, a mocidade, encontra-se embebida num sem numero de vicios, que difficilmente se apagarão de seu seio, infelizmente para nós, que possuímos um passado brilhantissimo.

E' da mocidade que sairão os homens d'amanhã, a quem entregamos os destinos da nossa Patria querida, na esperança sempre crescente de a vermos sobranceira, continuando um passado cheio de gloria, com quem nós, portugueses,

tanto nos orgulhamos.

Sim, orgulho, porque Portugal, quer nas suas condições geográficas, quer na fertilidade do seu solo, verdura de seus campos, pitoresco de seus montes, limpidez de seus rios, no ciato azul de seus mares, foi sempre um jardim belo entre os belos jardins da Europa e tambem em tempos remotos e dourados uma nação poderosa entre as nações poderosas do mundo!

Os nossos maiores, tendo por berço somente um palmo de terra, chegaram a medir a esfera do mundo, que acharam pequena para os prodigios de suas façanhas.

Nossos ascendentes, ardendo no mais vivo fogo de entusiasmo patriótico, souberam penetrar as regiões mais longínquas, queimando e requeimando o rosto ao fumo das constantes batalhas pe-ljadas contra a corrente impetuosa dos mares e temporaes furiosos.

Nunca será de mais repetir os feitos heroicos d'aqueles que tão bem souberam glorificar a bandeira de sua Patria, borrifando com seu sangue mil fortalezas em Ourique e Aljubarrota, ensinando com o fio de sua

Estamos, finalmente, na decifração do nosso grande problema. Decifração esta que se tornará tanto mais difficil, quanto maior fór o nosso apartamento. Unamos todos num só laço, deixemos os ódios mesquinhos e juntemo-nos áqueles que trabalham pelo nosso engrandecimento.

Li um n.º já atrasado de «O Povo de Avei-

espada como se lutava pela liberdade e independencia.

Jesus Cristo diz no Evangelho: «Não pode a arvore má dar bons frutos, nem a bôa produzir frutos ruins».

Por consequência, enraizado o nosso sangue nas glórias infinitas d'aqueles que tão bem souberam honrar e glorificar seu nome, legando-nos o caminho a seguir para o bem de nossa Patria, não devemos nós, não devem os homens do futuro repousar em inação, mas sim trabalhar seria e honradamente para continuar o perfil dum passado triunfante.

E' preciso, rapazes, que num unico esforço vos saibais portar condignamente, que saibais levar direita, sustentar firme a gloria de Portugal.

(Continua)

Junquez.

AS OBRAS DO PORTO DE AVEIRO

ro», do qual é mui digno director o sr. Homem Cristo, o seguinte: «Tenho pelo povo de Aveiro o maior dos des- prezos...»

«Quem tinha razão, senão o sr. Homem Cristo?»

Pois ele, assim como outros aveirenses illustres, com a sua intelligencia, tem feito uma propaganda extraordinária, estudando a fundo as grandes obras que necessitam a nossa barra...

Mas, quasi toda a cidade dormia, e dormia a bom dormir, pois pouco se importava com o sacrificio espontaneo desses grandes homens, que trabalham para o nosso engrandecimento.

E só acordamos quando lêmos no mesmo jornal, entre outras puras verdades, estas: «Com respeito á campanha que tenho feito, para que o povo se ponha ao lado dos que trabalham para seu bem, será inutil continuar.»

«Disse num outro numero—«que tinha pelo povo de Aveiro o maior dos despezos!... e hoje direi—«Olhem para o que eu faço e não para o que eu digo...»

Foram estas as palavras verdadeiras, que nos acordaram...

Pois nós só olhamos para o que o sr. Homem Cristo escrevia, e não para o que ele fazia...

O que ele tem feito ninguém o faria; e, durante os anos que exerceu o cargo de presidente da Junta Autónoma,

honrou bem o seu logar, a par dos Exmos. Srs. Dr. José Maria Soares, major-medico, Capitão do porto Silvério da Rocha e Cunha, Dr. Alberto Souto, Albino Pinto Miranda, Pompeu da Costa Pereira, etc., que solicitaram junto do governo, quanto era de necessidade, não só para nós como para todo o paiz: as obras da nossa barra.

Depois de estudada a laguna da nossa ria, que é importante, pelo sr. Silverio da Rocha e Cunha, e feito o projecto pelo falecido Von Haff e enviado ao Conselho Superior de Obras e Minas e d'áia conselho de ministros, surgiu então outro projecto para desfazer aquele tão intelligentemente planeado.

D'ái resultou, que o governo nos enviasse, afim de estudar e verificar os projectos apresentados, uma missão ingleza, a qual admirou deveras a nossa ria e viu a situação precária da nossa barra.

Feita uma pequena modificação no projecto Von Haff, foi este remetido novamente ao C. S. de O. e M., o qual lavrou um voto de louvor ao engenheiro Von Haff, tres dias antes da sua morte.

Desde então reinou em toda a cidade o maior dos regosijos, visto que, em breves dias, o conselho de ministros teria de assinar e pôr a concurso o projecto do nosso porto exterior e interior, juntamente com

o de Viana do Castelo.

No dia 26 do mez p.p., pelas 16 horas, ao tornar-se conhecida a noticia, dimanada de uma nota officiosa do sr. Governador Civil, que o Conselho de Ministros tinha aprovado o projecto das obras da nossa barra e ria, a cidade sentiu um momento de satisfação, e, em signal de regosijo, repicaram os sinos da Camara Municipal cujo presidente, sr. dr. Lourenço Simões Peixinho, telegrafou logo a varios ministros, agradecendo lhes a concessão, em nome da cidade.

Durante o resto da tarde, na cidade reinou quasi um silencio perpétuo, apenas interrompido de quando em quando por uns foguetes.

Mas perto das 11 h. organisou-se uma manifestação espontanea áqueles lutadores pelas nossas obras.

Centenas de pessoas de todas as classes sociais, dirigiram-se, em primeiro lugar, a casa do sr. Homem Cristo, onde os vivas e palmas, misturados com foguetes, que ao ar foram lançados em elevada quantidade, fizeram que sua Ex.^a surgisse a uma das janelas... O sr. Homem Cristo, agradeceu então a manifestação que lhe estava sendo feita e que representava as congratulações do povo pela justiça que o governo tinha, em fim, feito á cidade e a esta região, aprovando o projecto das obras do porto de Aveiro.

«O governo prestou-nos um grande serviço, que é forçoso reconhecer e agradecer. Mas, se isso foi de inteira justiça, acrescento que justo é tambem, reconhecer, como o povo reconheceu, que havia em Aveiro quem merecesse aplausos pelos esforços empregados na preparação do grande acontecimento que todos ali festejavamos.

«Que não adormecemos, todavia, sobre a

victoria alcançada, pois que aquele era apenas o primeiro passo. Que as obras tinham de ser postas a concurso; que ainda ia decorrer o tempo do concurso; que depois deste ser encerrado, ainda havia de esperar que a empreza a quem as obras forem entregues, se preparasse, trazendo para aqui o que é necessario, e que só no dia em que a primeira pédra fosse lançada, começava a realidade (grandes aplausos).

«Depois, meus senhores, o porto de Aveiro como porto lagunar que é, divide-se em duas partes: as obras do porto exterior, que são, por assim dizer, a porta aberta, para a segunda parte—o porto interior, isto é, as obras do porto comercial e de pesca.

«Estejamos unidos, (disse), sejamos firmes, e ficará resolvido o grande problema de tantas gerações, e que a geração actual, cobrindo-se de glória, terá realizado.

«O meu maior mérito neste assunto, é ter despertado a vossa fé, meus senhores (aplausos); é ter-vos arrancado a uma apatia mortal, pois sem fé, sem entusiasmo, sem alma, não se salvam os homens nem as sociedades (fortes aplausos). Se continuar-mos na mesma fé, meus senhores, como eu o creio; se não arrefecerdes nesse entusiasmo, fiquem certos, de que todo o problema de Aveiro será uma realidade.

Terminou com um viva a Aveiro e ao seu progresso, viva este que foi calorosamente correspondido, prolongando-se por algum tempo as ovações e palmas, sendo ainda lançada, do nessa ocasião grande quantidade de fogo.

A. C. P.
(Continúa)

Assinar os *Ecos de Cacia* é dar uma prova de dedicação a esta terra.

Defeitos e virtudes da lingua

Não são todas assim, mas ha mulheres que, uma vez desembainhada a espada, vai tudo pelo portal fóra.

Mesmo por ser hipèrbolico o caso, não deve ficar no tinteiro, pois tem a sua moral: é procurar lá-lá nas entrelinhas.

Vivia a sr.^a Maria das Dôres, uma vida amargurada. Dizia ela que devido aos maus tratos que lhe dava o marido, o sr. Anastacio dos Prazeres, quando viaha pingueiro. Que lhe dava mau viver, continuava ela nas muitas occasiões em que o *soalheiro* estava reunido. Não era raro ela aparecer tambem com uns bocaditos de alvaiade, manchando-lhe a cara de malhas brancas, e isto devido, continuava ela dizendo, a o seu Anastacio vir com a *camoêca*.

Ora um dia em que o *palratorio* estava reunido e que a sr.^a Maria das Dôres lá appareceu toda caiada (em razão dos dotes pugilisticos do sr. Anastacio), uma das componentes do auditorio *fronteiro ao astro-rei*, a sr.^a Pulcheria Floriana, fez a seguinte e judiciosa parlança, que muito interessou o linguarndo conjunto:

—Porque não vai a sr.^a Maria das Dôres consultar a sua vizinha Anacleta da Purificação, que é mulher de grande *virtude* em todos os casos?...

Responde-lhe a Maria:

—Tem vozemecê muita razão; vou hoje mesmo lá. Eu já tinha até pensado n'isso.

E foi. Apenas lá entrou, —elas moravam paredes meias)—não foi preciso á sr.^a Anacleta examinar as faces da vizinha, pois ela sabia da vida e causas do casal.

Depois das saudações da praxe, rompe a sr.^a Anacleta:

—Eu sei o que aqui a traz.

Grande pasmo da Maria, não se lembrando da circunstantia das «paredes meias».

—O seu marido dá-lhe mau viver... bate-lhe... chama-lhe nomes feios... enfim... Ora para o seu caso, tenho eu ali uma água, que deve ser milagrosa!

E foi á cozinha buscar uma pouca de agua do cantaro. Fez-lhe umas *pseudo-benzeduras* e entregou-a com a seguinte recomendação: «logo que veja entrar o seu marido, e que venha entre as 10 e as 11, a sr.^a enche immediatamente a boca desta agua, e só a deita fóra, quando o sr. Anastacio estiver a dormir. Verá que

dá resultado.

Pagou a sr.^a Maria a consulta, agradeceu e foi-se embora. Passou-se largo tempo em que o droguita lhe não ternou a vender alvaiade (carbonato de chumbo) e por conseguinte, os queixos lhe não sofreram as *ganas* do marido. Este, por seu lado, quando entrava em casa e via a mulher com a boca choia, extranhava, mas... —seriam dores de dentes?... e, calava-se e deitava-se.

Nova visita da Maria á sr.^a Anacleta, a pedir-lhe que, pelo amor de Deus, lhe reformasse a receita, pois a outra findára e era maravilhosa.

Desata a Anacleta a rir á gargalhada, e a Maria abre a boca de pasmo. Trocado isto em miudos, resta o seguinte, que é onde está a *moral do caso*:

—Olhe, Maria, a agua que eu lhe dei, não tem virtude nenhuma; o que ela lhe fez, foi *tapar-lhe a boca*, durante o tempo em que o seu homem descarregava, em palayriado, os humores bravos que lhe vinham da *taxada*. No seu cantaro tem vozemecê o remedio!

Digam lá agora, que ainda não ha mulheres de *virtude*!! Do judicioso bom-senso d'esta, é que, com certeza, as não ha.

De virtudes da lingua, uma ha que me lembra, alem de outras. É a seguinte: «Vão ali ao Augusto do talhe, comprem «uma» de vaca, levem-a depois ali perto ao Emilio Pinho ou ao Serafim, e estufar com umas batatas; em cima d'isto tudo, um ou dois copitos—(cautela, não abuzar, por causa das respectivas *Engracias ou Victorias*)—e verão que é de se lhe tirar o chapéu.

Argus.

A Festa a S. Simão

Apezar dos esforços que alguém já empregou, não é possível conseguir-se uma comissão para assim levar a effeito a festa ao milagroso Santo advogado das maleitas, razão essa porque este anno está *condenado* a não ter festa, a não ser que esteja por ali em algum canto qualquer bem intencionado dos taes que ainda ha bem pouco tempo disseram em voz publica que a

«comissão dos trez» que no ano ultimo fez a festa, tinha ficado com muito dinheiro! Bem anda certo sr. que nunca faz uma, porque nesse caso teria que comprar um par de... Sobre o assumpto, falaremos no proximo n.º.

Pela Imprensa

Recebemos a agradável visita do nosso prezado colega «O Condutor de Automoveis», que, sob a direcção do seu proprietario sr. Tenente Pires Rosendo, vê a luz da publicidade na Capital.

Agradecemos a visita do nosso colega e vamos retribui-la.

O nosso correio

Temos presente uma carta do nosso assinante n.º 209, cujo pedido é satisfeito n'este n.º. Veja o bom amigo se consegue a assinatura de que lhe falamos. Como sabe, precisamos de conseguir o mais possível, porque já começamos a pensar em ampliar o nosso *Ecos de Cacia*, para assim satisfizermos a vontade a todos os nossos assinantes, correspondentes e colaboradores.

Não se esqueça o bom amigo do nosso pedido, assim como tudo o que estiver ao seu alcance.

—Tambem temos uma carta do nosso assinante n.º 277, cujo conteúdo aqui agradecemos. Folgamos bastante com o seu novo estado, e pedimos pormenores. —Temos presente uma carta do nosso novo colaborador n.º 333, cujo pedido satisfizeremos n'este n.º, lembrando-lhe que pômos as colunas do nosso *Ecos de Cacia* ao seu dispor, agradecendo muito penhoradamente as amaveis palavras que nos dedicou.

—Temos em nosso poder uma carta do nosso bom amigo e assinante n.º 69, e aqui lhe diremos, em quanto á nossa ida ali, que, como deve saber, nós encontramos muito «pepulim» da «cambôta» direita, e está-se a aproximar o tempo de ne-

cessitarmos «artigo» da sua região...

—Então o nosso bom amigo e assistente n.º 23 tem-se esquecido de nos dar da sua linda... as mimosas passagens para o nosso *ECOS de Cacia*?

Não se esqueça do nosso pedido, assim como da angariação de novos amigos...

—Estranhámos bastante o grande «silêncio» do nosso velho 67, que nos prometeu a sua... visita, e nem no Espirito Santo, nem no S. Bartolomeu; e agora no S. Simão?

Emquanto à festa, bom amigo, foi-se... porque falta lá o... que ficava... com o producto da festa, como dizem os que não dão nada para ela...

—O nosso assinante n.º 281 recebeu a nossa carta? Como não nos disse nada...

—Então os nossos assinantes n.ºs 9, 10 e 25, estão tão «caladinhos»? Digam alguma coisa, porque o *ECOS* é para todos, e vós ahí podeis conseguir alguns novos assinantes; e isso é um grande serviço que prestaes.

CORRESPONDENCIAS

MATADUÇOS, 5.

Esteve no dia 5 nesta, vindo de Coimbra, em visita a seus extremos pais, o sr. José de Castro, digno fiscal da C. Nacional naquela cidade.

—De passagem para a L. marosa, onde é industrial de penificação, estive em Almieira o sr. Manuel da Silva Samartinho.

—Tem estado gravemente enferma, na casa de seus pais, a menina Maria Augusta Cristo. Desejamos-lhe um completo restabelecimento.

—A procurar alívio para os seus sofrimentos, retirou ha dias para a Barra, a esposa do nosso amigo Francisco dos Santos Neto.

—Segundo é voz corrente, reina grande entusiasmo em todos os habitantes de Mataduchos e Almieira, com o levantamento de uma nova escola para ambos os sexos. Apoio! E' assim que o povo dá lições de civismo aos que nada comprehendem.

—Diz o velho rifão, quem cala consente! As reclamações de alguma coisa servem; pois aqui tem andado o tio Joaquim Carvalho nas reparações e limpeza das valetas. O jornal, com o auxilio do sr. João Dionizio, para alguma coisa tem servido. Faça-se-lhe justiça! O sr. João Dionizio tem sido um amigo desinteressado da sua terra, o que já lhe tem custado alguns prejuí-

zos moraes e materiaes. Mas o dictado é certo: «Quem mais faz, menos merece!» E' mal de que tambem nós nos queixamos...

—Teve logar, no dia 6, a abertura da escola mixta de esta localidade para o novo ano lectivo. O que lastimamos bastante, é que no periodo quasi de 4 meses o sr. dr. Paixinho não dêsse accordo de si, apesar de tantas reclamações que lhe foram feitas, no sentido de, ao menos, fazer simples reparações na escola! Mas não faz mal, sr. Dr.! Largos dias tem 100 anos... O povo contribuinte, saberá corresponder áquella singela manifestação, propria dos pequeninos estudantes que, ao saberem que no dia 6 era a nova abertura da sua tão impropria sala de estudos, onde lhes é cultivado o espirito, desviando-os das trêvas de que ha seculos a esta parte temos vindo todos envolvidos, ficam ajuizando que ainda hoje muitos assim o desejam!... Ainda assim, os pequeninos, ao saberem, que d'ahi a pouco, novamente iriam ocupar as suas carteiras, cheios do maior regosijo, lançaram ao ar alguns foguetes, tendo outros ido ao encontro da sua querida professora, a quem receberam com alegria e flores, tendo a exma. professora, D. Madalena de Figueiredo, agradecido carinhosamente aos seus alunos. Que quadro tão lindo e tocante! Letras, Crianças e Flores! Mas o verdadeiro povo, que tem o amor pela instrução e pela terra que o viu nascer, hade por certo auxiliar os inocentes, homens de amanhã.

E' um dever que se impõe a todos nós, pois que as regalias que nós hoje disfrutamos, aos antepassados as devemos! Compramos nós, este dever, que é o gesto mais nobre e altruista que o povo póde cumprir—erguer uma escola aos filhos do povo! A'vante, pois, pelas Letras, que é a maior gloria de Portugal!—(2.)

CACIA, 9.

Esta manhã chegaram á estação de Cacia, numa carruagem atrelada ao comboio «correio» de Lisboa, em «camara ardente», os restos mortaes do desventurado filho de Vilarinho d'esta freguesia, Manuel Simões da Maia, que na noite de 6 para 7 foi assassinado por Manuel Alcobaça, na Ladeira do Pinheiro, estrada entre Torres Novas e Entroncamento, aonde o Maia era proprietario e estabelecido com mercearia e padaria. A chegada do ataúde á Estação, estava a «gare» repleta de pessoas de familia e ami-

gos. Em seguida teve logar o funeral. Acompanharam 2 sacerdotes, as insignias religiosas da freguesia e 4 bouquets de flores naturais, oferecidos por pessoas das relações do extinto no Encamamento e que acompanharam o feretro até á sepultura.

Foram feitos alguns turnos para as borlas por pessoas de familia e pessoas amigas.

Acompanharam o cadáver da Estação do Entroncamento á de Cacia as seguintes pessoas de familia: Agostinho Simões da Maia Novo, Ernesto Simões da Maia e João Simões da Maia Novo, manos do infeliz; sua cunhada Maria José, sua sobrinha sr.ª D. Rosa Rodrigues Figueiredo da Costa e marido sr. Jorge Raul da Costa e os intimos amigos do indito srs. Modesto Martins, Fortunato da Silva e Augusto Malão.

O desventurado contava 41 anos e deixa na maior dôr e no luto sua Esposa, sr.ª Rosa Simões Maia, e uma filhinha.

«Ecos de Cacia» pede que se faça justiça conforme merece o barbaro e monstro assassino, e apresenta os seus pesames á familia enlutada, com especialidade á viuva e filhinha, aconselhando-lhes coragem e resignação na grande dôr porque estão passando.

A. M. C.

FERMENTELOS, 8.

Terminou a vindima nesta vila. A produção foi muito regular, graças aos cuidados de quem não poupo o sulfato e enxofre, havendo muitas pessoas que tiveram ainda mais vinho que no ano anterior. Pena foi que uma parte dos viticultores o não deixassem amadurar convenientemente.

—As ultimas chuvas fizeram grande prejuizo no campo, principalmente em arrosaes e milhos e feijão; a inundação na «pateira» chegou a atingir uma altura nunca lembrada neste tempo.

—Uma coisa mais ha a lamentar e que eu desejava que chegasse ao conhecimento de sua Ex.ª o Sr. Governador Civil do districto: é o abuso de bicelistas e motociclistas que, dentro da povoação, andam de noite sem luz e em velocidade demasiada, tendo havido já alguns desastres. Belarmino.

ENTRONCAMETO, 7.

Foi barbaramente assassinado á facada, o nosso amigo e conterraneo Manoel Simões da Maia, industrial

e proprietario nesta localidade.

O desventurado, natural do lugar de Vilarinho, freguesia de Cacia, casado com a sr.ª Rosa Janeira, do lugar de Sarrazola da mesma freguesia, deixa uma filha menor.

Paz á sua alma. Os meus pesames á familia enlutada.

J. M. M.

NECROLOGIA

Faleceu neste lugar, com a idade de 75 anos, o sr. Manoel Pereira da Silva (o Pedra), victimado-o uma grave doença que o affligia já ha um ano.

O seu funeral foi realizado na tarde d'esse dia, com a assistencia de pessoas de toda a freguesia e dois sacerdotes. Conduzín a chave do ataúde o sr. Adelino Logras e as salvas com as toalhas, os srs. Manuel Dias Marques e Antonio Gonçalves Nunes.

Viam-se 4 lindas corôas com as seguintes dedicatórias:

«Ultimos beijos de seu afilhado Manoel da Rocha Salgueiro»;

«Perpétua saudade de sua sobrinha Maria Nunes Quinta e seu marido Benjamim Ventura da R. Salgueiro»;

«Eterna saudade de sua sobrinha Victoria Nunes Quinta»;

«Ultimo adeus de sua sobrinha Maria da Luz N. Quinta.»

O corpo esteve em «camara ardente», na casa de sua residencia, e o saimento funebre teve lugar ás 17 horas para o cemiterio desta freguesia, aonde ficou sepultado em sepultura reservada.

Tratou do funeral a nova Agencia Funeraria de Antonio M. Cunha.

Que descanse em paz. Pesames a toda a familia enlutada.

O director deste semanario interessasse por conseguir um correspondente em cada freguesia circunvisinha.

AOS SRS. LAVRADORES

Destilação de bagaço, ao preço de 2\$50 ca la coluna

Serviço aperfeiçoado e bom rendimento

Sebastião Abreu

EIXO

A feira dos 14

Realizou-se a feira dos 14, que foi muito concorrida, em relação ás ultimas, fazendo-se muitas transacções, não só em suínos, como em todo o gado vacum.

Vimos aqui um certo n.º de negociantes até agora extranhos á feira, o que veio dar a esta um certo entusiasmo.

Aviso para cobrança

Vimos avisar todos os nossos assinantes de que vamos começar a fazer a cobrança do 1.º semestre, razão porque aqui pedimos para que nos enviem as suas importancias em «vale» ou carta registada, evitando o aumento de 1 escudo, para despesas de cobrança por intermedio do correio.

A alguns que já nos pagaram, vamos enviar os respectivos recibos.

A todos pedimos a sua atenção, porque, como sabem, um jornal a principiar precisa d'uma certa protecção, demais quando êle é pobre.

A todos quantos pertencem á familia do ECOS DE CACIA, nós pedimos, pois, a sua atenção, para que assim possamos arcar com as grandes despesas que uma empresa destas acarreta.

Mercado semanal d'Estarreja

| | |
|--------------------------|--------|
| Milho b. nacional (20l.) | 15\$00 |
| Trigo | 26\$00 |
| Centeio | 17\$00 |
| Feijão branco | 24\$00 |
| Feijão amarelo | 20\$00 |
| » mistura | 16\$00 |
| » laranja | 22\$00 |
| » frade | 16\$00 |
| Ovos (duzia) | 4\$00 |

BICICLETE

VENDE-SE

em bom estado. Quem pretender, dirija-se a

Inocencio Luiz Soares, em Sarrasola—Cacia.

MANOEL CORREIA VIDINHA

— COM —

Fazendas de lã e algodão—Chales de merino e xêda—Miudezas e louças de todas as qualidades—Sapatos de senhora e crianças.

Fabrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.

Praça da Republica
(em frente ao chafariz)—ANGEJA.



AGENCIA FUNERARIA

— DE —

Guilherme Dias Capela

Em frente à Praça da Republica

ANGEJA

Grande deposito de urnas de mogno e nogueira americana, coróas, caixões, chumbo, cêra, vestidos e mantos para creanças e adultos e de varios preços.

Trasladações em todos os cemiterios.

Armação de casas, salvas, toalhas e castiçais.

Encarrega-se de tratar de funerais para outras freguesias, sem aumento de despeza.

PREÇOS MODICOS.

Officina de Ferreiro e Serralheiro e Casa de Bicycletes

— DE —

Antonio Ferreira da Costa

— CACIA —



Nesta officina executam-se todos os trabalhos pertencentes á arte, tais como enxadas, machados, engaços e mais ferramentas pertencentes á lavoura, assim como grades, portões, engenhos, etc., etc.

Concertam-se bicycletes e vendem-se accessorios das mesmas.

Serviço de viagem em automovel e venda de bicycletes novas e usadas para todos os preços.

FARMACIA LUSITANA

— DE —

ABILIO CARVALHO

— Cacia —

Productos quimicos e farmaceuticos nacionaes e estrangeiros.

Sortido completo em drogas, irrigadores, fundas, algalias, aguas minerais, etc., etc.

Manoel Rodrigues Carvalho

COMERCIANTE

Compra e vende sucatas de chumbo, metal, assim como muitos outros artigos em pequenas e grandes quantidades

TRAFÓ DE LÃ, ALGODÃO, ETC.

Estabelecimento:

98-A—Rua Moraes Soares, 98-B—LISBOA

FRANCISCO AUGUSTO D'OLIVEIRA

— COM —

Estabelecimento de Merceria, Fazendas, Miudezas, Sêmeas, Vinhos Finos, Bebidas alcoolicas e todos os artigos pertencentes á agricultura.

Rua 31 de Janeiro—CACIA

COMBOIOS EM CACIA

Para o Norte:

4,59 (Correio)

7,08 (Tramvay)

7,34 (Omnibus)

11,10 (Tramvay)

13,28 »

17,30 »

19,45 (Correio)

22,54 (Tramvay)

Para o Sul:

7,51 (Tramvay)

8,11 (Omnibus)

13,03 (Tramvay)

16,20 »

16,54 Omnibus)

19,10 (Tramvay)

21,04 »

23,25 (Correio)

Manuel Martins Simões

Fabricante de adobos e fornecedor de calhau para estradas

— CACIA —

Barbearia, Alaiateria e Merceria

DE

Guilherme Dias Capela

Em frente à Praça da Republica

ANGEJA

Serviço irreprehen-sivel

Modicidade de preços.

Armenio Rodrigues da Silva Nunes

Padaria, Merceria, Vinhos

Vendas a dinheiro

Automoveis de aluguer

Telg.: Armenio Rodrigues

ANGEJA

Rua da Fonte (em frente á Escola)

Américo Maria dasilva

FAZENDAS, MIUDEZAS e MERCEARIAS

Depósito de cereaes e ovos

— ANGEJA —

VERMIFUGO LAXATIVO LUSITANO

Este medicamento, absolutamente inofensivo, quer em creanças, mesmo de tenra idade, quer em adultos, é d'um efeito seguro e rapido na expulsão dos vermes intestinaes, bem como na destruição dos germens que os reproduzem.

Farmacia Lusitana—CACIA

AUGUSTO L. MARQUES PESSA (Marchante)

TALHO e MERCEARIA

Carnes de 1.ª qualidade

Todos os sabados, domingos e terças-feiras.



PASSAGENS E PASSAPORTES

Francisco Gaspar

ANGEJA

Agente de Passagens e Passaportes, para o Brazil, America do Norte, França, Africa e mais portos da Europa.

Trata de todos os documentos para solicitar passaportes, licenças militares, etc.

Vendem-se passagens pelos mesmos preços das Companhias.

PADARIA CACIENSE

— DE —

COSTA & CRUZ

Rua 5 d'Outubro, 123-A—VILA FRANCA DE XIRA

Nesta casa tem o publico a entrada livre, para ver o asseio com que o Pão é fabricado.

COSTA & FERREIRA
ARMAZEM DE VINHOS

(Especialidade em vinhos engarrafados)

ARMAZEM E ESCRITORIO:

12, Travessa R. Visconde das Drevezas

Telegramas: COSFER
Telefone:

VILA NOVA DE GAIA

A casa que mais barato vende todos os artigos de merceria

MERCEARIA VOUGA

— DE —

Sempre petiscos não faltando o belo leitão assado.

Francisco Nunes de Pinho

Vinhos, cervejas, ferragens, miudezas, etc. etc.

— ANGEJA —

Correspondente do Banco José Henriques Totta, L.da, etc.

FRANCISCO GASPÁR

(Ourives)

Angeja

ARTIGOS DE OURIVESARIA e RELOJOARIA

Fazem-se todos os concertos em relojoaria e ourivesaria, e para isso pode ser procurado nos seguintes mercados: Beco, dia 1—Fontinha, dia 10—Santo Amaro, dia 15—Oliveirinha, dia 21—Angeja, dia 26, e na feira de Oliveira de Frades.

Rapidez e seriedade.

“Typographia Estarrejense”

(DE «O Jornal de Estarreja»)

— Fundada em 1887 —

NESTA TYPOGRAPHIA executam-se com arte todos os trabalhos concernentes, como:

Facturas, memoranduns, enveloppes, cartas, avisos e outros impressos para o commercio;

Cartões de visita, brancos e de luto e participações de casamento;

Impressos para repartições publicas;

Todos os impressos judiciais;

Mandados e Guias de pagamento para Juntas de Freguezia e Comaras Municipaes; Avisos de Junta, etc., etc.

ESPECIALIDADE EM PROGRAMAS DE FESTAS.

Execução rapida.

Preços convidativos.

Tomam-se encomendas a esta redução